
Um caso de contato de fronteira O sudoeste

John M. Lipski

1. Introdução

Em várias áreas da América do Sul existem comunidades de fala que combinam o espanhol e o português. Esses lugares se localizam ao longo da fronteira brasileira, em contato com países de expressão espanhola. Dentro do Brasil fala-se o português exclusivamente, sem traços de contato com o espanhol. A situação é diferente nos países vizinhos, hispanofalantes, onde, por razões históricas e contemporâneas, ocorrem variedades híbridas dentro das suas fronteiras. Em alguns países, as zonas fronteiriças não são hispanofalantes; empregam-se línguas indígenas e também variedades do espanhol trazidas dos centros urbanos: tal é o caso, por exemplo, da Colômbia, Venezuela e uma parte grande do Peru e do Paraguai. Entre as regiões fronteiriças de expressão espanhola, a zona mais conhecida é a faixa setentrional do Uruguai, onde se apresentam algumas variedades linguísticas conhecidas popularmente como portuñol/portunhol e entre linguistas como dialetos fronteiriços ou dialetos portugueses do Uruguai. Menos conhecidas e ainda sem uma bibliografia de estudos linguísticos é a fronteira do sudoeste, com a Bolívia.

Este trabalho oferece uma descrição das manifestações de contato entre o português e o espanhol em dois pontos da fronteira Bolívia-Brasil: Cobija e Guayaramerín, Bolívia (e também na aldeia de Villa Bella, perto

de Guayaramerín). Os resultados desta pesquisa serão comparados com outra comunidade de linguagem mista: Rivera, Uruguai, cenário dum ampla gama de estudos sociolinguísticos.

2. Cobija: fronteira Bolívia-Brasil

Cobija é a capital do departamento boliviano de Pando, que até o ano de 1938 era um território pouco integrado à vida nacional: Territorio Nacional de Colonias de Noroeste. A sua importância cresceu rapidamente durante o *boom* da borracha, e depois do cultivo da castanha ("castanha do Pará"); este último produto é ainda uma importante atividade econômica naquela região amazônica. Hoje o principal sustentáculo de Cobija é o comércio com o Brasil, devido à presença dum zona livre de impostos em Cobija; também o gado e a agricultura tropical são importantes na zona. Cobija está localizada sobre o Rio Acre; a cidade brasileira de Brasileia fica no outro lado do rio. De acordo com o censo de 2001, a povoação de Cobija era de 22.324 habitantes (20.820 dentro dos limites urbanos). Cobija e Brasileia são unidas por uma ponte para veículos e pedestres. O trânsito é livre e não há a necessidade de se apresentarem documentos para atravessar a fronteira internacional. Cobija tem um amplo setor comercial de produtos importados e nacionais, concentrado no centro da cidade perto da ponte. A balança econômica favorece o Brasil; o visitante brasileiro que porta reais acha que os preços do lado boliviano são muito mais favoráveis do que no próprio país. As ruas, os mercados e as lojas de Cobija se enchem de brasileiros todos os dias, e nesta zona é mais frequente ouvir o português que o espanhol durante as horas comerciais. O português falado pelos comerciantes bolivianos oscila entre variedades muito limitadas e um domínio quase completo, copiando exatamente o sotaque acrense. Uma proporção significativa dos comerciantes bolivianos é formada por imigrantes do interior do país (o altiplano) que têm pouca experiência na zona bilíngue. Este grupo inclui muitas mulheres indígenas aimarás, para as quais o espanhol é a segunda língua. Falam um português limitado, somente para a comunicação comercial básica, empregando muitas palavras cognatas entre as duas línguas: preços e descrições dos produtos oferecidos.

No que diz respeito à situação sociolinguística, Cobija teve uma história semelhante à fronteira brasileira-uruguaia. Até aproximadamente uma década atrás, as únicas emissoras de rádio e televisão que atingiam Cobija eram brasileiras. Os "cobijenós" adquiriam uma competência passiva na

língua portuguesa ouvindo diariamente os programas brasileiros; esta competência tornava-se ativa quando cruzavam para o lado brasileiro para frequentar as escolas e as clínicas, que durante um tempo tinham a fama de serem superiores às instalações homólogas na Bolívia. Ainda hoje as crianças de Cobija preferem os programas infantis brasileiros na televisão e, portanto, aprendem as bases fundamentais da língua portuguesa ainda dentro de casa. As gerações anteriores à povoação atual empregavam o português na vida diária e, mesmo quando falavam espanhol, introduziam uma grande quantidade de elementos portugueses. Ao contrário do "portunhol" fronteiriço do Uruguai – que na sua essência gramatical é uma variedade vernácula do português gaúcho com muitos enxertos do espanhol –, o "portunhol" de Cobija ancorava-se sempre no espanhol. Muito embora alguns residentes de Cobija digam que falam portunhol em vez de português, a palavra "portunhol" se aplica com mais frequência a outros grupos de falantes. O escritor cobijenô Saavedra Pérez¹ define o "portuñol" da seguinte maneira: "Geralmente o portunhol é usado pelos irmãos collas² em suas conversas com os vizinhos brasileiros. Os primeiros juram que estão falando em português perfeito. Os segundos não entendem nada e ficam encarando-os. Porém, ao final, se entendem." Muitos residentes de Cobija entrevistados para esta pesquisa insistiam que a palavra "portuñol" aplica-se somente às aproximações ao espanhol dos brasileiros residentes em Cobija.

As contribuições do português ao espanhol cobijenô eram – e ainda são – consideráveis, sobretudo os empréstimos lexicais, os decalques, os contornos de entonação, e até algumas configurações morfossintáticas. Entre os empréstimos, incorporados naturalmente às conversas em espanhol, figuram os seguintes:³ *papo fiado/papo furado, cabra zafado, caer fora, apañar, bunda, caralho, trepar* (o ato sexual), *menino, menina, moza, cu, tudo azul, chato, amigo do peito, sotaque, turma, saudade, todo bien, tata* (avô ou avó), *buchó, garapé, moleque, pé na bunda, filho da mai, puxasaco, sei lá, CD* (pronunciado [sidi]), *tiu* [tSiú], *tia* [tSiú]. Entre os decalques mais frequentes aparecem *va/vai tomar baño, tirar el culo al monte, ni estar ahí* (no interessa), *¿está doido?, tá ótimo*. Uma pessoa que evita situações desagradáveis é um *¿cadé você?* Uma saudação frequente entre jovens cobijenós é *¿qué tú ta fassendo aquí?*; outros exemplos são: *vamo jantá; tú é muito bonita*. Esta última expressão reflete o emprego do pronome pessoal *tú* no dialeto português do Acre,⁴ frente ao emprego de *vos* (e as formas verbais correspondentes) no espanhol de Cobija. Todos os nativos de Cobija dizem *bora* em vez de *vamos: bora tal lugar*. Aos pais dizem *pai e mai*, ainda em famílias que somente

falam espanhol. Igual aos uruguaios da fronteira brasileira, os residentes de Cobija empregam *tá* como sinal de aprovação e *¿todo bien?* como saudação. Quando falam espanhol, os residentes de Cobija podem empregar a negação dupla, copiando a sintaxe vernácula brasileira: *aquí no hay no; no sé no*. As perguntas não invertidas também são possíveis: *¿dónde vo(s) viví(s)?* Às vezes ocorrem perguntas *in situ*: *¿Vo(s) viví(s) dónde?* Muitas crianças de Cobija têm apelidos brasileiros como *Preto, Nego, Negão, Xico, Xiquinho* etc.

Alguns habitantes de Cobija falam perfeitamente o português, sobretudo os que casam com brasileiros ou que moram por muito tempo no Brasil. É mais frequente que o nativo de Cobija fale uma aproximação ao português fortemente marcada pela gramática e a fonética do espanhol pandino. Podemos assinalar as seguintes características do “português” falado normalmente entre os nativos de Cobija:

- (1) Emprego do sistema vocálico do espanhol, com cinco vogais orais.
- (2) Aspiração ou elisão da consoante /s/ final de sílaba e palavra.
- (3) Falta de distinção entre [s] e [z].
- (4) Ausência de vogais e ditongos nasais.
- (5) Ausência da distinção /b/-/v/.
- (6) Realização de /n/ com [ŋ] como em espanhol em vez da semivogal nasal do português.
- (7) Realização de -rr- como vibrante múltiplo [r] ou fricativa [ʒ] em vez da fricativa velar [x] do português brasileiro.
- (8) Realização do ditongo -ou- como [o] e -ei- como [e].
- (9) Realização de /l/ final de sílaba/palavra como [l̪] lateral em vez da semivogal [w].

Alguns exemplos espontâneos de linguagem mista oferecidos como amostragem do português de Cobija são:

*você não tá entendendu lo que quiere decir
sei lá qué tá passando
sei lá yo
eu acho que voy, mas primero tenho que...
¿mas vai o no vai?
Vai dançar connigo o no vai dançar?
eu vou dançar... eu vou tá lá, esperando, vou tá, a tomar cerveçinha.*

Nos arredores de Cobija encontram-se algumas pequenas comunidades rurais povoadas por filhos de imigrantes brasileiros. Nestas aldeias fala-se ainda o português como língua da casa, e os bolivianos nativos destas comunidades, quando falam espanhol, mantêm um sotaque que os identifica como lusofalantes. Estes bolivianos bilíngues falam perfeitamente o português, com as características do dialeto acrense: emprego de *tu* com formas verbais correspondentes a *você*, palatalização de /s/ final de sílaba só antes das consoantes coronais /t/ e /d/ (reflexo da grande imigração do Ceará em tempos passados), inclusive a pronúncia de *Brasileia* como [brah-lej-a].

Durante a última década e meia, com a fundação da Universidad Amazónica del Pando em Cobija, muitos estudantes brasileiros têm chegado à cidade, sobretudo visando às carreiras agroflorestais e de informática. Alguns estudantes brasileiros casam com bolivianas e permanecem em Cobija, formando famílias bilíngues. Todos os estudantes brasileiros têm a obrigação de fazer cursos de espanhol para poder sobreviver nas aulas bolivianas. Estes brasileiros raras vezes adquirem uma ampla competência ativa na língua espanhola, muito embora as habilidades passivas e na língua escrita sejam consideráveis. As aproximações ao espanhol pandino captam algo da fonética regional boliviana (sobretudo a aspiração de /s/ em final da sílaba), mas retêm muitos elementos do português, tal como vemos nos seguintes exemplos, obtidos entre brasileiros residentes em Cobija:

*nunca va hablar bien, memo el boliviano
vivi ocho año en Paraguay, ¿no?
tamen tive, una relación con Paraguay, entonces volví aquí a Cobija toy vivindo cuatro mese
yo empecé a ehtudiar ca[x]era de ingenería informática en doh mil uno
doh mil doh tamén empecé, tivi qui viajar, doh mil treh tamén entrei informática
entonce este año empecé agroforehatal
leyendo bibliografia, un filósofo [3]aponeh, ¿no?
yo tive emprego no juré
el predio del ehtudiante
para viver, me duele
muchu friu
con sei mese en la universidad, empezó [empecé] mejorar ... só hablando
hablamoh só chpañol, ahora ela no habla bien el portuguéh*

aquí tuđu mundu entiende portuguéñ
 loh qui vivi en [x]iu Brancu
 en lu inicio tambiéñ mi custaba
 iein una chica en informática
 ela decía "nostra"
 só convivindu aquí puede hablar
 estas palabras comune que tiene esta [x]egião de aquí sô fácil
 a veces hay unah palabra mah difícil
 até loh propio brasileiro no saben bien
 a veces aparece palavras mah difícil
 aquí mah curto son lah palavra
 ehtudé ehpañol
 loh brasileiro no entende bien
 yo tamben tive ehpañol allá
 son pahi fronteira
 no brasil muchu anu obrigatiório el ehpañol
 que yo saiba parece que vai ser por su cuenta, quien quere ter mah conocimiento
 ehtudá su ehpañol
 o vai pa otro lado
 tengo amihtá aquí ... cõ el día a día, no, lo boliviano siempre, uno viene,
 hay que venir acá mihmo, até Cobija
 yo tengo uno pariente tamén qui son de aquí

3. Guayaramerín: fronteira Bolívia-Brasil

Outra cidade fronteiriça boliviana é Guayaramerín, no departamento do Beni, onde as circunstâncias sociolinguísticas são muito diferentes da situação de Cobija. Guayaramerín está situada no extremo setentrional da Bolívia, sobre o Rio Mamoré. Do outro lado do rio, encontra-se a cidade brasileira de Guajará-Mirim. O rio é largo e não tem ponte; as cidades estão unidas por um serviço de lanchas motorizadas que transportam passageiros e mercadorias durante todo o dia. Poucas das embarcações são capazes de portar veículos motorizados, mas no lado boliviano os veículos não são imprescindíveis: a zona comercial começa no mesmo porto e se estende por cerca de 10 quarteirões sobre a avenida principal. O turista brasileiro pode ir a pé para chegar a qualquer loja; a cidade também tem muitos

moto-táxis e moto-carros que viajam por toda a cidade por uma tarifa modesta. A tarifa das lanchas é um pouco menos que US\$ 1.00; a tarifa em reais saindo do Brasil é mais alta do que a viagem saindo da Bolívia em bolivianos. A ausência duma ponte, a necessidade de pagar para cruzar e o temor às pequenas embarcações são fatores que reduzem o contato entre as duas cidades, muito embora o trânsito diário seja considerável.

Guayaramerín foi fundada em 1892, devido à importância do setor agrícola nesta região, sobretudo a exploração da borracha e posteriormente da castanha. Hoje em dia a cidade vive principalmente do comércio com o vizinho Brasil, devido às centenas de visitantes brasileiros que enchem a cidade todos os dias. O setor agropecuário segue sendo importante, devido à extração da madeira, à criação do gado e às frutas tropicais. A cidade tinha 33.095 habitantes segundo o censo de 2001 (o total era de 40.444 em toda a zona metropolitana). O transporte terrestre para o resto da Bolívia é difícil; uma estrada de terra liga Guayaramerín a Riberalta, a 90 km, mas para atingir o resto do país é preciso atravessar estreitos caminhos de terra que podem ser intransitáveis durante uma grande parte do ano. Guayaramerín tem um pequeno aeroporto, mas os aviões são muito pequenos e as tarifas são altíssimas, portanto, poucos residentes viajam para fora da região com frequência.

Quase todos os residentes de Guayaramerín ficam conhecendo a cidade brasileira vizinha em algum momento, mas relativamente poucos bolivianos viajam ao Brasil com frequência, diferentemente da enorme quantidade de brasileiros que chegam à margem boliviana. Os residentes de Guayaramerín que não participam no comércio com turistas brasileiros não falam português, embora quase todos tenham competências passivas, devido à presença constante de brasileiros nas ruas de Guayaramerín e ao fato de que muitos bolivianos assistem à televisão brasileira, sobretudo novelas e alguns programas infantis. Os bolivianos que participam no comércio com brasileiros, mas que nunca moraram no Brasil, sofrem as mesmas dificuldades que os bolivianos em Cobija. Alguns exemplos do "português" falado por bolivianos em Guayaramerín são (dos mais proficientes aos casos de maior interferência):

o brasileiro gosta de que seja atendido em português, que a pessoa conheça su idioma que sepa explicar; hay ciertas, certas palabras que, por exemplo eu acho que agora está mudando isso

o espanhol é considerado a primeira língua do mundo, no?, y entonce inclusive tem aula em Portobelo, eu memo tenho amizades que son instructoreh, professores di portugués, entonceis isso está mudando ja
 eu tou aquí em Guayara rvinte anos, entonce ja ganei prestigio
 não temos esa costume que tem em Cobija, no, ellos ya misturam
 no pôrto tem gente que troca dinheiro mas exploram explotam enganam êles,
 entonceis ellos aprendieron que no hay que trocar a moeda
 claro, por supuesto, qualquer moeda que entra é bem-vida
 la verdade que a moeda de más confiança é o euro, o dólar ta caindo muito
 vamo a trabalar, vamoj pra lá;
 trabalandona loja; também brasileiro, boliviano;
 pagam em dinero, em cartón;
 mas algunoh brasileiro entendem lo que hablamoh nosotro loh boliviano,
 nosotro leh podemoh hablar boliviano tranquilo;
 quasi todo brasileño;
 essa loja é nova; la otra loja é tradicional;
 agora no, mais em tempos antigo tinha muito;
 vou procurar uma cosa;
 quando hay festa de, da virgen,
 as malas, las bebidas, vino;
 cousas de la são sólo informática;
 porque não tem, como le puedo falar, vitrina;
 vejo las novelas, o jornal

Apesar da afirmação de alguns residentes de Guayaramerín de que os turistas brasileiros podem falar espanhol, não encontramos visitantes brasileiros capazes de falar em espanhol, além de alguns números e objetos com nomes não cognados (por exemplo, *jugete* em vez de *brinquedo*). Tampouco vimos casos de brasileiros que iniciassem uma conversa em espanhol com um interlocutor boliviano.

4. Um pequeno ponto fronteiriço: Villa Bella, Bolívia

Villa Bella é uma pequena aldeia na fronteira Bolívia-Brasil, entre Cobija e Guayaramerín, na convergência do Rio Mamoré e do Rio Beni, que se combinam para formar o Rio Madeira. Do outro lado do rio se encontra

o pequeno povoado brasileiro de Vila Murtinho e alguns quilômetros mais adentro a pequena cidade de Nova Mamoré. Villa Bella foi fundada em 1846, como posto de alfândega, e foi a primeira capital da província boliviana; durante o boom da borracha, Villa Bella era uma cidade de muita importância, pela qual passava muita mercadoria chegada do estrangeiro (Balzau; Armentia, 1893, Cabrera, 1862). Uma estrada de ferro de Vila Murtinho transportava os produtos extraídos da selva boliviana ao porto de Manaus e daí ao resto do mundo. Villa Bella era um pequeno núcleo cosmopolita, com a presença de empresários estrangeiros e nacionais e uma grande variedade de produtos e atividades. Hoje em dia, Villa Bella não passa de um lugarejo; segundo o censo de 2001, a povoação era de 408 habitantes. Com a desativação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), Villa Murtinho sofreu um golpe na sua economia e começou uma migração dos comerciantes da pequena vila para as margens da futura rodovia, surgiendo assim um povoado que, inicialmente, foi chamado Vila Nova e hoje é Nova Mamoré. Atualmente, Vila Murtinho já quase desapareceu (tem aproximadamente 150 habitantes), e o contato entre Villa Bella e o vizinho povo brasileiro é mínimo; não existe um serviço regular de transporte fluvial, embora não seja difícil contratar uma canoa para atravessar o rio. Os bolivianos se dedicam à agricultura e à pesca, enquanto no lado brasileiro ainda trabalham alguns garimpeiros. Os bolivianos em Villa Bella não têm motivos para visitar o Brasil, nem os brasileiros da outra margem do rio mantêm contatos prolongados com os vizinhos bolivianos. Os residentes de Villa Bella não falam português, e quando têm que falar com um brasileiro (situação pouco frequente) cada um fala a sua língua nativa, sem mistura.

5. Os dialetos “fronteiriços” do Uruguai: uma verdadeira língua mista

Ao longo da fronteira Uruguai-Brasil, falam-se dialetos vernáculos conhecidos popularmente como “portunhol” e entre linguistas como dialetos “fronteiriços”.⁵ Devido a razões históricas bem conhecidas, sempre prevalecia a língua portuguesa na faixa setentrional uruguaia, embora hoje em dia seja mais frequente o emprego do espanhol matizado de elementos portugueses. O caso protótipo é Rivera e a cidade irmã brasileira Santana do Livramento; trata-se dum só zona urbana sem nenhum sinal de fronteira. No centro do complexo urbano há um parque com um monumento onde flamejam as bandeiras do Brasil e do Uruguai; a pessoa que caminha pela zona central pode notar que do lado uruguaios os sinais dizem “calle” e

do lado brasileiro são “ruas”. Os brasileiros só falam português, e a maioria dos uruguaios emprega variedades mistas, que falam com espontaneidade e fluência. Ao contrário do que ocorre nas cidades fronteiriças bolivianas, onde o português é aprendido como segunda língua (embora os respectivos dialetos locais do espanhol contenham elementos derivados do português) e só se emprega para dialogar com brasileiros e nunca entre bolivianos, na fronteira uruguaia os residentes aprendem os dialetos fronteiriços como língua nativa e falam estas variedades livremente com os compatriotas uruguaios nos registros coloquiais. Os padrões fonotáticos fundamentais são do dialeto regional de Rio Grande do Sul, em particular o emprego do pronome *tu* e as formas verbais correspondentes, a ausência de palatalização de /t/ e /d/ em frente de [i],⁶ o emprego da vibrante múltipla [r] em vez da fricativa velar [x] em representação de -rr- e muitos plurais “nus”, isto é, com a marca do plural [s] só ao final do primeiro elemento, geralmente um determinante: *as pessoa, as casa, os guri*. O dialeto fronteiriço uruguaio emprega o sufixo -emo para a primeira pessoa do plural (indicativo) dos verbos da primeira conjugação: (*nós*) *falemo, jantemo, moremo* etc. Este uso é consistente e não representa a aquisição parcial do português, mas uma inovação enraizada na comunidade uruguaia. Também os uruguaios combinam as duas línguas com fluidez, embora as bases gramaticais dentro do “portunhol” pertençam quase exclusivamente à língua portuguesa. Os trabalhos antes citados contêm muitos exemplos; os seguintes fragmentos são das nossas pesquisas realizadas em Rivera em 2006:

entonci no somos dono di nada ... yo no tein ese dinhero entonci yo no tein ese dinheiro
 o governo no quer a nosotro
 fui a tres o cuatro casa a buscar [Z]ente
 eu tinha un rapaz que taba trabaiando conmigo, bueno y ele levaba de tudo
 voy passar pa [x]ubilação
 quando se [x]ubile, não
 [Z]o no vou me aposentar y no aposentó, recusó, no?
 aquí em Rivera quando saiu plan de emer[x]jencia creo que dizem, no,
 é mas usado o portunhol, na classe baxa, mas a classe baxa, un poco na classe media, na classe alta ja nao puro mesmo ... puro idioma, mas ja en bairros e essa cosa é portunhol no maas
 eu cursei o primer grado, pero

*muy poco, ninguem fala [inglês]
 o nosso idioma é discriminado, é muy discriminado
 dónde fica tal cosa?
 vamu sim bora*

Em realidade, embora muitas combinações morfossintáticas da linguagem fronteiriça uruguaia se assemelhem parcialmente aos exemplos obtidos na Bolívia, existe uma diferença fundamental. Os bolivianos não falam o português espontaneamente entre si, e quando pretendem falar português, empregam algumas aproximações variáveis e idiossincráticas. O mesmo falante pode cometer erros e incoerências e também autocorreções quando se dá conta do seu equívoco. Portanto, seria impossível descrever a “gramática” dessas aproximações ao português, exceto em nível idioletal. Os exemplos apresentados nas seções anteriores são representativos da gama de variabilidade que existe nas comunidades fronteiriças bolivianas, mas não constituem um modelo geral para todos os falantes. Na fronteira uruguaia, a modalidade linguística conhecida popularmente como portunhol tem uma autêntica comunidade de fala, dentro da qual existem diferentes registros e níveis reconhecidos (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987). Como amostragem adicional, acrescentamos uma versão do “Pai Nosso” no dialeto fronteiriço, amplamente difundida pela Internet:⁷

*U Padre Notru
 Padre notru,
 Qu'ehtá nuh celuh,
 Santificado seya tu nomre.
 Veña tu reinu. Házase tu voluntad,
 así na terra como nuh celuh.
 Danoh hoye notru pan de cada día,
 y perdoánoh notrah ofensah,
 así también cuando noh perdoamoh
 a eyoh que noh ofenden.
 Y no noh dexéh cair na tentazón,
 pero libranoh du mau.
 Porque tuyó eh u reinu, y a podé, y a gloria,
 du Padre y du Hijo y du Espíritu Santu.
 Amen.*

Também existe uma crescente produção literária no dialeto fronteiriço, o qual reafirma o seu estatuto como língua legítima duma comunidade de fala, e não uma variedade pidginizante falada por aprendizes (Behares; Diaz, 1998; Behares *et al.*, 2004; López, 1993).

6. A forma da fronteira determina a forma do contato linguístico

As seções anteriores apresentaram dados sobre quatro comunidades onde o espanhol e o português estão em contato, e nas quais os contatos têm cambiado ao longo da sua história. Apesar de serem comunidades na fronteira brasileira, as consequências diferem radicalmente, desde a copenetração de línguas e a criação de variedades mistas em Rivera até a ausência quase total de elementos portugueses em Villa Bella. Vários fatores históricos intervieram na formação dessas configurações, todas em áreas longe dos principais centros urbanos dos respectivos países. Estes fatores são, entre outros: (1) as oportunidades educativas do lado brasileiro; (2) a proeminência das emissoras de rádio e televisão do Brasil e a escassez de programas nacionais em língua espanhola; (3) as correntes migratórias impulsionadas pelos desequilíbrios econômicos entre os países vizinhos e a criação de zonas francas. Um dos fatores mais estreitamente correlacionados com a realidade linguística é a configuração física e política da fronteira entre os países vizinhos. Em Rivera a fronteira é efetivamente invisível; trata-se duma massa urbana dividida arbitrariamente entre dois países e na qual as pessoas circulam livremente sem necessidade de apresentar documentos nem mudar de postura de acordo com o país onde se achem num momento específico. É justamente em Rivera onde existe a linguagem mais híbrida e onde todos os residentes nativos do país oficialmente hispanofalante empregam algumas variedades do português entre si. Em Cobija, Bolívia, existe uma ponte sem restrições nem portagem; as pessoas que atravessam a ponte não têm que apresentar documentos e viajam livremente entre os dois países. Hoje em dia a balança comercial faz com que os brasileiros visitem Cobija diariamente, enquanto poucos bolivianos passam ao lado brasileiro. O espanhol de Cobija contém muitos elementos derivados do português, mas os residentes falam o espanhol exclusivamente, salvo casos excepcionais. Em Guayaramerín, o rio largo e sem pontes constitui uma barreira real para a comunicação entre as nações vizinhas. A passagem nas lanchas não é alcançável para todos os cidadãos bolivianos,

e é preciso apresentar documentos de identidade cada vez que uma pessoa cruza a fronteira; além disso, as autoridades brasileiras exigem a certidão de vacinação contra a febre amarela. A presença duma zona franca em Guayaramerín atrai muitos turistas brasileiros, mas a língua portuguesa não penetra além dos locais comerciais da avenida principal. Finalmente, na aldeia de Villa Bella, há pouco contato com a nação vizinha; a presença do rio, a ausência de transporte fácil e de motivos para cruzar para o outro lado impedem a penetração da língua portuguesa no território boliviano; fala-se somente o espanhol sem elementos portugueses. Por meio dessa comparação, podemos deduzir que os contatos "fronteiriços" variam de acordo com a natureza da fronteira e as condições físicas que permitem ou impedem o contato de povos vizinhos. A Tabela 1 resume as correlações entre o tipo de fronteira e a situação sociolinguística.

Tabela 1
Resumo das correlações entre tipo de fronteira e contato de línguas

	Rivera/ Livramento	Cobija/ Brasileia	Guayaramerín/ Guajará-Mirim	Villa Bella/ Vila Murtinho
Tipo de fronteira	terrestre-aberta	rio + ponte	rio + lanchas	rio, nenhum serviço regular
Povoação total	109.267 + 82.258	22.324 + 15.670	40.444 + 38.135	408 + 164
Língua básica da comunidade	português + muitos elementos do espanhol	espanhol + muitas palavras/frases do português	espanhol; poucas palavras portuguesas	espanhol
Competência em português	alta; variedade vernácula	adequado, mas não atinge os níveis nativos	só para a comunicação básica no setor comercial	poucos falam
Existência de variedades mistas estáveis e consistentes	sim	não, exceto entre algumas pessoas idosas	não	não
Emprego de variedades mistas/portunhol entre pessoas não brasileiras	sim	não (o dialeto local do espanhol tem muitos elementos portugueses)	não	não

7. Tipos de copenetração linguística como consequência da fronteira

Em cada uma das comunidades de fala, o tipo de transferência, com respeito às estruturas morfossintáticas, reflete as condições em que os hispanofalantes residentes das comunidades fronteiriças aprendem e empregam o português na sua vida diária. Só na fronteira Uruguai-Brasil tem-se formado uma variedade mista como língua estável de toda a comunidade do lado uruguaio; em Cobija e Guayaramerín, os residentes só empregam o português quando falam com brasileiros, embora possam usar empréstimos do português quando falam espanhol. Quando falam português, introduzem elementos do espanhol de forma inconsciente, frequentemente em violação das restrições sintáticas que regem as mudanças de código entre pessoas bilíngues.⁸ Podemos aplicar essas restrições às aproximações ao português produzidas por bolivianos residentes nas cidades fronteiriças, para demonstrar que não se trata da copenetração de línguas que tipifica o bilinguismo estável, mas uma configuração especial. A linguagem mista oferecida como “português” é produzida pela combinação da aquisição parcial do português e pelo fato de o espanhol e o português serem línguas altamente cognatas, com muitas configurações idênticas que podem ser ambíguas no discurso bilíngue e que favorecem uma densidade de mudança de código interacional maior que nos casos de línguas tipologicamente mais distintas. Podemos achar as seguintes violações aparentes das restrições sobre mudança de língua; é preciso reiterar que não se trata de combinações estáveis e consistentes, mas de fenômenos idioletas.

ENTRE SUJETO PRONOMINAL E PREDICADO:

Cobija:

sei lá yo

Cobija, brasileiros que pretendem falar espanhol:

ela decia “nostra”

yo tamben tive ehpañol allá

que yo saiba parece que vai ser por su cuenta

Guayaramerín:

ellos ya misturam

ENTRE PALAVRA NEGATIVA E VERBO:

Cobija:

¿mas vai o no vai?

ENTRE PALAVRA INTERROGATIVA E O RESTO DA ORAÇÃO:

Cobija, brasileiros que pretendem falar espanhol:

quién quere ter mah conocimiento

ENTRE AUXILIAR E INFINITIVO:

Guayaramerín:

entonces ellos aprendieron que no hay que trocar a moeda porque não tem, como le puedo falar, vitrina

Essas aparentes aberrações morfossintáticas se devem à ausência de condições favoráveis para a aprendizagem completa do português por parte dos bolivianos em áreas fronteiriças (e também dos brasileiros residentes em Cobija), junto à necessidade ou pelo menos o desejo de falar algo de português com interlocutores brasileiros.

Em Rivera, Uruguai, a linguagem híbrida conhecida como “portunhol” é a língua vernácula principal das classes populares, e lá também se produzem os mesmos casos de aparente violação sintática, mas ao contrário do que ocorre na fronteira boliviana, trata-se de estruturas consistentes que não respondem à aquisição parcial do português ou do espanhol. Alguns exemplos de Rivera são:

ENTRE SUJETO PRONOMINAL E PREDICADO:

yo no tein ese dinhero entonci yo no tein ese dinheiro

[Z]o no vou me aposentar

ENTRE PALAVRA NEGATIVA E VERBO:

yo no tein ese dinhero

ENTRE PALAVRA INTERROGATIVA E O RESTO DA ORAÇÃO:

¿Dónde fica tal cosa?

ENTRE AUXILIAR E INFINITIVO:

Y se dificulta más aprender o espanhol ou o portugués.

Na escola é donde eles decidem agarrar español

A presença dessas transições morfossintáticas entre línguas muito similares demonstra que não se trata da alternância de códigos no sentido estrito, mas da lexicalização congruente no sentido de Muysken (2000); em particular, essa linguagem mista apresenta as seguintes condições:⁹ (1) equivalência lineal e estrutural; (2) a intercalação de vários constituintes dentro da mesma oração; (3) a intercalação de fragmentos de constituintes, o que Poplack (1980) chama “ragged mixing”; (4) alguns casos de integração

morfológica; (5) modismos mistos. Na lexicalização congruente, as restrições sintáticas sobre a intercalação de línguas não são operativas porque as estruturas sintáticas das duas línguas são muito similares e também devido à existência de muitos homófonos que servem de fulcro entre as línguas.

Existem duas diferenças principais entre a lexicalização congruente entre falantes bilíngues e as aproximações ao português na fronteira boliviana. Primeiramente, a lexicalização congruente ocorre entre pessoas que dominam ambas as línguas e que alternam entre línguas muito similares por razões de estilo ou registro, como marcador de identidade ou por algum componente emocional (nervosismo, ultracorreção etc.). Segundo, nos casos típicos de lexicalização congruente dentro de uma oração, não há uma língua dominante ou língua matriz (no sentido de Meyers-Scotten, 1992, 1993). Os exemplos produzidos na Bolívia ocorrem involuntariamente quando falantes do espanhol com conhecimentos variáveis, mas imperfeitos do português tentam falar *exclusivamente em português*. Portanto, as incursões do espanhol são inconscientes e respondem à insuficiência léxica momentânea ou permanente. Em outras palavras, o falante bilíngue que produz exemplos de lexicalização congruente pode ter configurado a mesma oração com outra combinação de palavras das duas línguas, porque a seleção de línguas não se efetua palavra por palavra, mas estocasticamente com respeito à oração inteira. O falante do espanhol boliviano que não domina o português por completo tampouco escolhe deliberadamente a língua de cada palavra da oração, mas a seleção de língua depende do seu repertório léxico em português: se conhece a palavra portuguesa, vai usá-la; se não, põe a palavra espanhola ou improvisa uma palavra inventada, mas plausível. Por consequência, existe uma língua matriz – o português –, embora a distribuição de elementos espanhóis e portugueses pareça caótica. Em Rivera, Uruguai, a situação é diferente; produzem-se as mesmas configurações que tipificam a lexicalização congruente, mas não são alternâncias do momento senão elementos dum linguagem estável (embora também tenha variação interna). Isso contrasta com a situação na vizinha cidade brasileira, cujos residentes somente falam português, sem traços do espanhol.

Uma comparação dos fenômenos de contato espanhol-português nas três comunidades revela que as intercalações de línguas são muito similares, mas o grau de integração numa gramática estável varia de acordo com o nível de integração sociolinguística das respectivas comunidades hispanofalantes e lusofalantes. Em Guayaramerín, as aproximações ao português

são esporádicas e se limitam ao setor comercial que atende aos turistas brasileiros. Portanto, as flutuações idioleias são maiores. Em Cobija, quase todos os nativos falam algo de português, e são mais consistentes nos seus esforços de falá-lo, embora se trate ainda duma segunda língua parcialmente adquirida. Em Rivera, as interlínguas de épocas anteriores têm-se convertido numa língua mista estável, produto do desequilíbrio sociolinguístico histórico entre o Norte do Uruguai e o Sul do Brasil. Dessa comparações podemos postular que a língua híbrida de Rivera teve a sua origem não nas mudanças de código de falantes totalmente bilíngues, mas na linguagem dos aprendizes, os quais, por falta de acesso ao sistema educativo em língua portuguesa e pela ausência igualmente importante de acesso à fala metropolitana uruguaia, só alcançavam um domínio parcial do português.¹⁰

Por meio deste estudo comparativo, é possível ampliar a definição de lexicalização congruente para abranger as etapas de interlíngua entre línguas muito similares em contato nas zonas fronteiriças. Essa perspectiva refinada, por sua vez, conduz a uma hipótese sobre a formação das línguas mistas estáveis. A Tabela 2 oferece um resumo das correlações entre as zonas fronteiriças e os fenômenos de copenetração de línguas.

Tabela 2
Correlações entre configuração fronteiriça e intercalação de línguas

	Rivera	Cobija	Guayaramerín	Villa Bella
Empréstimos do português?	muitos	muitos	poucos	não
Decalques do português?	vários	alguns	não	não
Câmbio de código interoracional?	não; variedade mista é fundamental	não	não	não
FALANDO ESPANHOL				
Empréstimos do espanhol?	muitos	incursões involuntárias	incursões involuntárias	...
Decalques do espanhol?	poucos	alguns; involuntários	involuntários	...
Câmbio de código interoracional?	não; variedade mista é fundamental	involuntários; lexicalizações congruentes	involuntários; lexicalizações congruentes	...
FALANDO PORTUGUÊS				

Notas

- ¹ Saavedra Pérez, 2002, p. 145-146.
- ² Nativos do altiplano boliviano, na sua maioria mestiços ou indígenas falantes do aimará: JML.
- ³ Saavedra Pérez, 2002, p. 143-153, menciona alguns empréstimos.
- ⁴ No dialeto acrense, emprega-se o pronome *tu*, mas as formas verbais correspondem a *você*: *tu foi*, *tu trabalha* etc.
- ⁵ Os trabalhos principais são Carvalho (2003a, 2003b, 2004a), Elizaincín (1973, 1976, 1979, 1992), Elizaincín e Behares (1981), Elizaincín, Behares e Barrios (1987), Hensey (1972, 1975, 1982a, 1982b), Rona (1960, 1969).
- ⁶ Hoje a palatalização dos outros dialetos brasileiros é cada vez mais frequente no português/potunhol de Rivera/Santana do Livramento (Carvalho, 2004a).
- ⁷ Disponível em: <www.christusrex.org/www1/pater/JPN-fronterizo.html>. Esta oração representa o dialeto contemporâneo, com a aspiração da /s/ final de sílaba/palavra; tradicionalmente a /s/ final tem resistido à aspiração tanto no espanhol da fronteira uruguaia como nos dialetos portugueses do Uruguai.
- ⁸ Lipski (2006) e Muysken (2000) resumem a bibliografia relevante.
- ⁹ Muysken, 2000, p. 128-134.
- ¹⁰ Eliasson, 1995, p. 46 descreve as diferenças sistemáticas entre a muda de código entre falantes bilíngues proficientes e a interferência dum segunda língua. Observa, por exemplo, que a interferência (característica dos aprendizes) é involuntária, é intrusiva, caracteriza a produção e a receção, e na cadeia falada combina as línguas em forma horizontal ou vertical. A mudança de código (entre falantes bilíngues competentes) geralmente é voluntária, aumentativa, caracteriza só a produção e combina as línguas de forma vertical. A nossa análise do "potunhol" faleido na fronteira Bolívia-Brasil e a sua manifestação congelada na fronteira Uruguai-Brasil confirmam estes postulados.

Referências

- BALZAU, Luigi; ARMENTIA, Nicolás. *De Reyes a Villa-Bella*. La Paz: Imprenta de "El Comercio", 1893.
- BEHARES, Luis Ernesto; DÍAZ, Carlos Ernesto (Ed.). *Os som de nossa terra: productos artístico-verbales fronterizos*. Montevideo: Universidad de la República/Unesco, 1998.
- BEHARES, Luis Ernesto; DÍAZ, Carlos Ernesto; HOLZMANN, Gerardo. *Na fronteira nós fizemos assim: lengua y cocina en el Uruguay fronterizo*. Montevideo: Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2004.
- CABRERA, Ladislau. *Navegación fluvial de Trinidad a Villa-Bella*: Diario de viaje por las cachuelas del Mamoré en el Departamento del Beni. Santa Cruz: "La Estrella del Oriente", 1862.
- CARVALHO, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 1, n. 2, p. 125-149, 2003a.

CARVALHO, Ana Maria. The Sociolinguistic Distribution of (lh) in Uruguayan Portuguese: A Case of Dialect Diffusion. In: MONTRUL, Silvina; ORDÓÑEZ, Francisco (Ed.). *Linguistic Theory and Language Development in Hispanic Languages*. Somerville: Cascadilla Press, 2003b. p. 30-44.

CARVALHO, Ana Maria. I Speak like the Guys on TV: Palatalization and the Urbanization of Uruguayan Portuguese. *Language Variation and Change*, 16, p. 127-151, 2004a.

CARVALHO, Ana Maria. Diagnóstico sociolinguístico de comunidades escolares fronterizas en el Norte de Uruguay. BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier (Ed.). *Portugés del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: Administración Nacional de Educación Pública, 2004b. p. 44-96.

ELIASSON, Stig. Grammatical and Lexical Switching in Maori "Grasshopper Speech". In: SUMMER SCHOOL CODE-SWITCHING AND LANGUAGE CONTACT LJOUWERT/LEEUWARDEN, 14-17 September 1994. Ljouwert/Leeuwarden: Fryske Academy, 1995. p. 45-57.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Algunos aspectos de la sociolinguística del dialecto fronterizo*. Montevideo: Universidad de la República, 1973.

ELIZAINCÍN, Adolfo. The Emergence of Bilingual Dialects on the Brazilian-Uruguayan Border. *International Journal of the Sociology of Language*, 9, p. 123-134, 1976.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Algunas precisiones sobre los dialectos portugueses en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República, 1979.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos en contacto: español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis. Variabilidad morfosintáctica de los dialectos portugueses del Uruguay. *Boletín de Filología*, Chile, 31, p. 401-417, 1981.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. *Nos falemo brasileros*. Montevideo: Editorial Amesur, 1987.

HENSEY, Fritz. *The Sociolinguistics of the Brazilian-Portuguese border*. The Hague: Mouton, 1972.

HENSEY, Fritz. Fronterizo: A Case of Phonological Restructuring. In: ORNSTEIN, Jacob (Ed.). *Three Essays on Linguistic Diversity in the Spanish-Speaking World*. Rowley: Newbury House, 1975. p. 47-59.

HENSEY, Fritz. Uruguayan Fronterizo: A Linguistic Sampler. *Word*, 33, p. 193-198, 1982a.

HENSEY, Fritz. Spanish, Portuguese and Fronterizo: Languages in Contact in Northern Uruguay. *International Journal of the Sociology of Language*, 34, p. 9-23, 1982b.

LIPSKI, John. Too Close for Comfort? The Genesis of "Portuñol/Portunhol". In: FACE, Timothy L.; KLEE, Carol A. *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, 2006. p. 1-22.

LÓPEZ, Brenda V. de. *Lenguaje fronterizo en obras de autores uruguayos*. 2. ed. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 1993.

MEYERS-SCOTTON, Carol. Comparing Codeswitching and Borrowing. In: EASTMAN, Carol (Ed.). *Codeswitching*. Clevedon: Multilingual Matters, 1992. p. 19-39.

MEYERS-SCOTTON, Carol. *Dueling Languages: Grammatical Structure in Codeswitching*. Oxford: Clarendon, 1993.

MUYSKEN, Pieter. *Bilingual Speech: A Typology of Code-Mixing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

POPLACK, Shana. Sometimes I'll Start a Sentence in English y Termino en Español. *Linguistics*, 18, p. 581-618, 1980.

RONA, José Pedro. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el Norte del Uruguay. *Veritas*, 8, p. 201-219, 1960.

RONA, José Pedro. *El dialecto "fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi, 1969.

SAAVEDRA PÉREZ, Carlos. *Mi tierra y mi gente (el departamento Pando en historias cortas)*. Cobija: Editorial "Franz Tamayo", 2002.